

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Com a Linha de Sombra
15 de Maio de 2025

LE CAMION / 1977

um filme de MARGUERITE DURAS

Realização e Argumento: Marguerite Duras / Direcção de Fotografia: Bruno Nuytten / Câmara: Eric Adjani, Joël Quentin / Som: Michel Vionnet Montagem: Dominique Auvray / Assistência de realização: Michel Latouche / Com: Marguerite Duras, Gérard Depardieu.

Produção: Cinema 9, Auditel Produtor: François Barat, Pierre Barat / Cópia: em DCP (suporte original em 35mm), cor, versão original em francês, com legendas electrónicas em português / Duração: 80 minutos / Estreia Mundial: 25 de Maio de 1977 (França) / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 26 de Fevereiro de 2010, Ciclo “Marguerite Duras – A Cor da Palavra”.

Le Camion "conta a história de uma mulher que apanha boleia de um camião". E se dizemos que "conta" a história, afirmamo-lo de modo extremamente literal, pois assistimos aqui a uma efectiva recusa da representação visual dessa história, e a uma substituição da sua imagem pelo texto que a descreve, o que faz de **Le Camion** um dos casos mais singulares da história do cinema. O filme adopta uma estrutura bipartida, dividindo-se em dois grandes tipos de espaços, que alternam continuamente: um espaço exterior, que corresponderá maioritariamente aos muitos *travellings* que registam a paisagem e as estradas por onde circula o camião que dá o título ao filme (que não deixam de nos evocar experiências posteriores de Chantal Akerman); e um espaço interior, uma sala ampla e escurecida onde encontramos Marguerite Duras e Gérard Depardieu, sentados à volta de uma mesa, a ler e a discutir o guião de um filme. Dois espaços unidos pela música (“variações de Diabelli”) e pela musicalidade do texto que os acompanha.

Algum tempo depois da realização de **Le Camion**, Duras caracterizou o segundo espaço como uma "câmara de leitura", mas foi muito mais longe ao associá-lo a uma "câmara escura". Se é nessa sala que Duras lê o projecto de filme, é também aí que, ao ser descrito, o filme se desenrolará, assumindo-se esse espaço fechado como a verdadeira zona de produção das suas imagens, aproximando-se assim da *camera obscura* que preside à génese do cinema. Daí a originalidade de **Le Camion** que, ao associar a génese de grande parte das suas imagens à leitura e discussão de um guião, recusa uma posterior materialização desse texto em imagens.

Para percebermos melhor o alcance deste gesto e as suas implicações, será interessante determo-nos na origem e na evolução do projecto. Segundo revelou Duras em várias entrevistas, a história, que no filme é lida e comentada, foi escrita para ser representada. Constrangimentos vários, como a indisponibilidade de Suzanne Flon e de Simone Signoret para interpretar o papel da protagonista, aliados aos rigores da meteorologia e às dificuldades inerentes a filmar no interior da cabine de um

camião em pleno Inverno, ditaram que o projecto fosse evoluindo no sentido da decisão de não ser “filmado”, mas de ser "contado", ou seja, de se contar o que seria o filme, caso tivesse sido "filmado". Foi nesse momento que, não obstante muitas reticências, Duras decidiu fazer parte do elenco e comparecer fisicamente em **Le Camion**, consistindo este o único caso da sua obra cinematográfica em que, para lá da voz (uma vez que são muitos os filmes que contam com a sua voz *off*), a escritora transportou também para a cena o seu próprio corpo. Para o papel do seu interlocutor convidou Gérard Depardieu, com quem havia desenvolvido uma relação privilegiada, que começou em **Nathalie Granger** e se prolongou por vários filmes. "Fazia-me falta alguém que pudesse ler o meu texto sem o representar... Escrevi o texto em três dias e não seria o mesmo se uma actriz o representasse. **Le Camion** não é representado, é lido. A representação desapareceu completamente em favor do texto, e o texto é um portador indefinido de imagens", dirá Duras a propósito de Depardieu e da forma final do filme.

Daí a singularidade de todo o programa contido, desde logo, nas primeiras frases pronunciadas por Marguerite Duras em *off*, que acompanham um movimento de câmara que revela uma zona industrial na periferia de uma cidade: "Teria sido uma estrada à beira-mar. Ela teria atravessado um vasto e aberto planalto. E depois teria chegado um camião". Singularidade que se estende ao primeiro diálogo entre Duras e Gérard Depardieu, e a todo o filme. Quando, face às folhas do guião, Depardieu lhe pergunta se se trata de um filme, Duras responde "Teria sido um filme. É um filme", partindo de seguida para o relato desse mesmo filme. É no condicional, aplicado em grande parte do texto dito, que tudo se joga, pois é esse mesmo condicional que, como o nome indica, exprime um facto cuja realização é esperada como consequência de uma outra condição, neste caso a real rodagem do filme. E é a ausência dessa mesma rodagem que permitirá a expansão ilimitada do texto. "O cinema pára o texto, ameaça de morte a sua descendência: o imaginário. É essa a sua virtude: de fechar. De parar o imaginário. Esta paragem, esse fechamento chama-se filme", afirmará Duras.

Ao recusar a fixação das palavras pelas imagens, a fixação da representação cinematográfica, Duras procura a constituição de um filme verdadeiramente aberto, um filme que contenha toda uma pluralidade de outros filmes que acabou por não realizar, assim como todos os filmes imaginados pelo espectador. É nesse intervalo entre o que é descrito pela voz de Duras, e o que é "visto"/imaginado por Depardieu – com frequência Duras pergunta-lhe se ele está a ver –, mas também por nós próprios, que se desenha a narrativa: a história de uma mulher que apanha boleia de um camião, pretexto para mais uma digressão em torno do amor, da identidade, do comunismo, da liberdade, e da revolução. Todavia, contrastando com um certo optimismo que atravessa a primeira fase da obra de Duras, encontramos aqui um maior desencanto expresso por esta mulher que deambula continuamente pelas estradas. Um desencanto que não se dirigirá apenas ao mundo, mas também ao cinema, pois **Le Camion** é um dos filmes em Duras conduzirá mais longe a sua experimentação sobre as relações entre a imagem e o texto e, conseqüentemente, sobre os limites do próprio cinema. Experimentação que prosseguirá nas obras seguintes, mas que encontra aqui uma das suas mais notáveis concretizações.

Joana Ascensão

*Texto originalmente escrito em 2010 para acompanhar a primeira projecção de **Le Camion** na Cinemateca, no qual não se usou ainda a tradução agora editada.